

Arthur Napoleão

A palavra *virtuoso* é empregada, se bem que erroneamente, considerando-a em seu verdadeiro sentido, para designar o artista que reúne todas as faculdades requeridas para a perfeição da execução.

É empregada em quasi todas as linguas, vindo assim, por uso, a constituir um titulo, uma distincção.

O *virtuoso*, pois, é todo aquelle que se destaca, não só por sua execução perfeita e maravilhosa, como por um sentimento intenso, uma comprehensão justa do recondito de um pensamento traduzido em musica; pela continua tensão sobre o proprio systema nervoso, isto mediante um estudo peculiar, com o qual educa a vontade, de modo a conseguir um dominio completo sobre si mesmo, fazendo vibrar voluntariamente o systema nervoso e dominando-o logo em seguida; e, assim, o artista consegue então os effeitos maravilhosos a que vulgarmente chamamos de «dedos de aço». Chegando assim a um estado de excitação e irritabilidade sensoria, a que voluntariamente se submete, o *virtuoso* attinge, em contraste, a immensa doçura, o encanto, e imprime á musica que executa tudo o que sente.

O verdadeiro *virtuoso* perscruta (e assim o deve fazer) o pensamento do compositor; estuda-o psicologicamente, e, uma vez de posse da idéa, põe-na em evolução, patenteando-a, afinal, ao ouvinte, debaixo da multiplicidade de effeitos que obtem pela execução, ornada de matizes; galgando as difficuldades com a maior naturalidade e sobriedade, e, quando necessario, attingindo o maximo de intensidade em uma explosão que se poderia comparar a uma torrente de lavas naquelle turbilhonar de notas. Napoleão é o *virtuoso*,—tudo possui: encanto, immensa doçura e um phrasear malleavel em todos os sentidos. É o homem que, a bem dizer, se transfigura segundo o auctor que interpreta. Vimol-o impecavel e estylista correcto na *sonata* em ré menor, op. 75 para piano e violino, de Saint-Saëns.

Não desprezando nenhuma *nuance*, nenhum desenho, nem uma linha, por mais simples que fosse, e terminando-a brilhantemente, como o requer o compositor. Esta *sonata* é de extrema difficuldade para ambos os instrumentos, e Cernicchiaro mereceu os calorosos applausos que lhe foram dispensados.

Nos solos de piano, não poderemos destacar nenhum, pois todos foram surprehendedentes.

O nocturno, op. 27, n. 1, de Chopin, foi executado de um modo inexcedivel, em um phrasear admiravel.

A mazurka, op. 50 n. 31, foi bisada. O verdadeiro Chopin manifesta-se, para bem dizer, em suas mazurkas e *Polonaises*, onde o artista se expandiu, onde transparece o capricho de seu pensamento, voluvel, sob as mais diversas impressões. Em Saint-Saëns—*Caprice sur Alceste, de Gluck*, peça de um character austero e de difficil interpretação, Napoleão foi bisado, tocando depois a admiravel pagina de Liszt sobre o soneto 104 de Petrarca. Na *Kreissleriana*, n. 2, de Schumann, de uma poesia tão intensa, foi poeta ao piano. E em Liszt? Não será muito dizer que o artista personificou o proprio auctor. Napoleão é tão grandioso, tão bem se apossou do segredo de comprehender o genio do grande mestre, que sobrepuja a tudo o que temos ouvido: tivemos prova disso na poesia n. 3 *Mignon's lied* e na *Rhapsodia hungara* n. 13. Executou em seguida uma valsa de grande effeito de Aléxandre Lévy e *Il neige* de Henrique Oswald. Sobre esta ultima musica, uma pallida paisagem triste e hibernal... enfim, não é uma censura, pois longe estamos disso.

Traduzimos apenas a impressão de um ou outro ouvinte.

Finalizou o concerto com uma deliciosa *Gavotte Imperiale* e com uma brilhante *Tarantella* de sua composição, sendo victoriado entusiastamente.

Na *Tarantella* foi coadjavado pelo distincto professor L. Chiaffarelli. A Cernicchiaro, agora, todos os nossos elogios.

O Kilmam, auctor da peça, é o proprio executante que, por um excesso de modestia, occultou seu nome sob esse pseudonymo: assim cremos que francamente pôde assignar o seu nome, porque o successo que hontem obteve foi a expressão entusiasta, sincera e justa do publico.

Consta que Napoleão dará um 3º e

construção de lanços de estradas
acesso das estações, cuja falta mais se
sível se torna e de extensão não su-
rior a 10 kilometros.

—Tendo o tribunal do contencioso
cal de 1ª instancia de Lisboa absolvi-
todos os indiciados no *caso da cerveja*
com que, ha tempos, se pretendeu faz-
muito barulho, o participante, que foi
sr. Jeronymo de Vasconcellos, então in-
pector geral dos impostos, recorreu pa-
o Tribunal Superior.

—Os empregados do commercio e
commerciantes instam pela promulgac-
de um diploma legislativo, que imponha
descanço dominical, que, por accôrdo, n-
conseguem tornar tão geral como prete-
dem.

—Foi nomeado vigario geral do P-
triarchado e será sagrado arcebispo
Mitylene o sr. dr. José Alves de Matt-
conego thesoureiro da Sé de Lisboa e
ctor do Seminario de Santarem.

—Casamentos que, no proximo mez
maio, se realisam, em Lisboa: Visconde
Moraes (José) com d. Maria de Almei-
Araujo, filha dos condes do mesmo tí-
lo; Pedro Paulo de Freitas Branco co-
d. Maria das Mercês Dame e Lorena,
lha do fallecido marquez de Pombal e
actual viscondessa de Asseca; d. Luiz
Lencastre (Louzã) com d. Edith Bleck,
lha de J. W. Bleck; visconde de Alca-
com d. Alice Felix da Costa, filha
Antonio Felix da Costa; alferes José B-
mo de Cabedo e Vasconcellos (Zamb-
jal) com d. Maria Augusta Saldanha
Gama, filha de d. Alexandre de Sald-
nha, e Arão Beuslimau com d. Maria
Adelaide dos Santos, filha de José An-
nes dos Santos.

Lisbôa 5660—5680—Ouro 25 %—26 %
Correspondent.

PELO NOSSO ESTADO

Santos

Ao sr. dr. juiz de Direito da 1ª va-
requereu o dr. Urbano Sampaio Nev-
advogado nesta comarca, a intimação
sr. João Salerno, editor do jornal *D-*
rio de Santos, para exhibir em audi-
cia, devidamente legalisado, o autograp-
do artigo *Cumplices?*, publicado no
19 do corrente mez.

—A exma. esposa do sr. José Mart-
Patusca teve a infelicidade de fractur-
um dos braços, pelo terço inferior,
uma queda que levou na casa de sua
sidencia.

Os Drs. Motta e Silva e Touri-
prestaram-lhe os soccorros medicos.

—Reuniram-se hontem, no salão super-
do edificio da Associação Commérci-
às 3 horas da tarde, em assembléa ge-
extraordinaria, os corretores desta pra-
afim de discutir e approvar o regime
interno da Bolsa.

—Na cadeia publica, tentou suicidar-
ante-hontem, á tarde, o preso Humb-
Domenico, servindo-se para isso de u-
correia de couro.

Não tendo conseguido o seu inter-
devido á intervenção do guarda, á no-

phrase malsinada, chamava eu a atten-
do leitor para o temperamento nerv-
de Valentim e para a sua vida labo-
sissima. E accrescentava: — «Ninga-
queira fazer carga de taes defeitos, a
desculpaveis num livro como este, a
escriptor que, infelizmente para as lett-
patrias, não póde viver só da sua pen-
Outro fosse elle e, creio, já de ha m-
teria desanimado. Porque—vamos e-
nhamos—para o desaminar, para arr-
cer-lhe o entusiasmo, bastava-lhe a l-
tilidade systematica dos que, não faze-
mais do que elle, manifestam irrita-
má-vontade para com tudo o que
produz. Ora, nem tanto, nem tampou-
Se as suas obras não são, verdadei-
mente, uns primores, revelam, entretan-
uma operosidade digna de acoroçoamen-

Creia o joven litterato mineiro Aug-
to Franco, cujo temperamento soffre,
combativo faz, até certo ponto, lemb-
o de Valentim,—creia o joven litte-
mineiro que o mesmo lhe ha de succ-
na sua carreira litteraria... Quando
ha dous ou tres annos, tratei do
opusculo *Linhas de Critica*, tive en-
de lhe mostrar os muitos espinhos
lhe haviam de brotar sob os pés na
cãbroza trilha da critica, emquanto.